SAY BANANA!
DESLIZAMENTO E CONTRACULTURA NA FICÇÃO DE MICK STERN

SAY BANANA!
SLIDING AND COUNTERCULTURE IN MICK STERN'S FICTION

Heloisa Pait*

Resumo: Esse artigo apresenta o conceito de deslizamento na obra do autor americano Mick Stern, a partir do exame de sua biografia, de sua obra literária e particularmente de seu mais recente livro de contos, *Likely Stories*. O conto “Say Banana” é analisado em detalhes, por apresentar de modo mais explícito o deslizamento entre realidade e ficção, eu e o outro, regras formais e efetivas. Compara-se brevemente esse deslizamento com a desconstrução de Jacques Derrida. Nas páginas de Mick Stern, personagens deslizam por fronteiras a eles invisíveis, se movendo entre o trágico e o patético, como heróis à própria revelia. A contracultura, que o autor viveu, é reencenada como literatura.

Palavras-chave: Ficção americana. Contracultura. Mick Stern. Deslizamento. Literatura fantástica.

Abstract: This paper presents the concept of sliding in the work of American author Mick Stern, drawing on the examination of his biography, his literary work, and particularly his most recent short story volume, *Likely Stories*. The short story “Say Banana”, which explicitly presents the movement of sliding between reality and fiction, I and the other, and formal and effective rules, is analyzed in depth. The concept of sliding is briefly compared to Jacques Derrida’s deconstruction. On Mick Stern’s pages, characters slide through boundaries which are invisible to them, moving between the tragic and the pathetic, as if they were heroes against their own will. The 1960s counterculture, which the author lived intensely, is reenacted as literature.

Keywords: American fiction. Counterculture. Mick Stern. Sliding. Fantastic literature.

Ruínas e fragmentos

Em 2004 Mick Stern colaborou com a artista francesa Béatrice Coron, que trabalha com narrativas visuais e recortes em papel, num pequeno livro de poemas. O título, *Ruins and Fragments*, já nos faz rir, no melhor estilo judaico: através da tragédia em duplicata.

* Universidade Estadual Paulista *Julio de Mesquita Filho*, São Paulo, Brasil. Professora Assistente, Ph.D.
Email: <heloisa.pait@fulbrightmail.org>.

Enquanto livros grandiosos opõem termos como paz e guerra, crime e castigo, razão e sensibilidade, casa-grande e senzala, sertão e veredas, sempre trazendo alguma espécie de redenção ou ao menos equilíbrio para nossos conflitos humanos, Mick nos dá ruínas e, como se não bastasse, fragmentos. Lembra um pouco a piada do judeu que reclama que o fígado dói, o joelho dói, o peito dói e, surpreso, nota ainda – “e eu mesmo não me sinto muito bem”. Não há redenção, mas há ao menos humor quando as agruras da vida se dobram sobre si próprias.

Mick Stern nasceu após a guerra, filho de pais que haviam passado a juventude pulando de país em país até o porto seguro americano, onde se encontraram e constituíram família. Seu pai nasceu na Romênia, filho de um advogado importante que levou a família para a então Palestina durante a guerra. Sua mãe, belga, passou a guerra em Cuba e chegou aos Estados Unidos sozinha, muito jovem. A história de ambos é fascinante e merece alguns parágrafos.

Alex, o pai de Mick, cursava faculdade de engenharia quando a guerra eclodiu, onde já havia um ameaçador clima antisemita. Seu pai estava temporariamente na Itália, onde recebeu um telegrama de um colega austríaco bem relacionado com o regime, dizendo que sua prisão seria certa se voltasse para a Romênia. Por meio de cartas e telegramas, Papa, como o avô de Mick é chamado na família, arranhou a ida da segunda esposa e do filho mais novo para a então Palestina enquanto Alex tomou o mesmo rumo independentemente, via Istambul. Lá Alex estuda no Technion, o então Instituto Hebraico de Tecnologia, fundado em 1924, enquanto seu irmão luta na guerra de independência. Ambos iriam depois para os Estados Unidos, onde desenvolveram brilhantes carreiras acadêmicas. A avó de Mick, uma socialite que não teve papel determinante na criação do filho, ficou na Romênia.

A mãe de Mick, Irene, nascida na Antuérpia, onde o pai trabalhava com diamantes, também teve uma juventude difícil. Ela, a irmã mais velha e o namorado faziam parte de um grupo sionista de esquerda e auxiliaram na evacuação de Dunquerque, tratando de soldados aliados feridos. Perseguidos pela Gestapo, fugiram até o sul da França, de onde atravessaram os Pirineus até Barcelona, onde a irmã se casou com o namorado. Lá também obtiveram vistos para ir para Cuba, onde passaram a guerra, junto com centenas de outros refugiados. Coincidentemente, onde sua futura cunhada também se encontrava, ainda menina... Os pais das duas irmãs, infelizmente, foram deportados e mortos. Ao fim da guerra, Irene foi aceita em Ohio State University, num programa para refugiados, enquanto sua irmã e o marido voltaram para a Bélgica, antes de fazer Aliá.

Foi em Ohio, então, que Alex e Irene se encontraram, refugiados, com parentes distantes, perdidos ou mortos, e suas comunidades destruídas. Políglotas, falavam entre si em diferentes

línguas, incluindo francês, alemão e inglês. Mick um dia se deu conta que a língua que seus pais falavam em casa era uma outra língua, o francês, distinta daquela falada na escola: antes as diferenças entre as linguagens pareciam apenas contingentes. Um pequeno parêntese aqui para dizer que no Brasil, mesmo depois da queda de Vargas, não buscamos atrair essa enorme população, deslocada pela guerra e preparada academicamente, que revolucionou a universidade americana.

A família viveu em Syracuse, no norte do estado de Nova York, onde seu pai era professor. A vida familiar não foi idílica. Irene tinha ambições intelectuais que a vida de casada infelizmente abafou, enquanto o marido se tornou um proeminente cientista: eram os anos 1950. Mick tornou-se adolescente enquanto a adolescência ela própria surgia, encarnada nos jovens Beatles que questionavam as convenções sociais e foram progressivamente se politizando. Ele era um rebelde com causa: não ir para o Vietnã. Muitos pais de classe média enviaram seus filhos para o Canadá para evitar o alistamento, mas a mãe de Mick já havia falecido nessa época e o pai não o apoiou nesse nobre propósito, que ele encarou sozinho – e vitorioso.

Mick sabia que as pessoas voltavam da guerra destruídas. Um veterano da guerra lhe confidenciou que, em embates no escuro, chegaram a matar mulheres. E que os vietcongues apareciam do nada, não havia como prever os ataques. De volta à Carolina do Sul, uma vez a polícia parou esse veterano e ele teve vontade de atirar nos policiais. Foi aí que o jovem negro percebeu que precisava ir para o Norte, evitando confrontos que o colocassem de volta ao front. Para quem compreendia a absoluta futilidade dessa guerra, pelas notícias ou conversas com ex-combatentes, a organização Students for Democratic Society orientava os jovens sobre como escapar do alistamento: era um esforço coletivo que rompia barreiras de raça e de classe.

Mick conseguiu ser dispensado com uma interpretação impecável na entrevista de recrutamento, com o olhar flutuante, que apenas passava pelos objetos, depois de dias sem tomar banho mas imerso em whiskey, uma história que retratou em um de seus contos. “I cannot just pretend to be crazy, I have to be crazy”, ele pensou. Enquanto esperava o exame médico, catou lápis e borrachas de uma gaveta e pregou na parede com fita adesiva. Saiu triunfante, mas só comemorou, absolutamente lúcido, depois de caminhar vários quarteirões. Seu pai sentenciou: “Você nunca vai ser presidente!” Era verdade, mas Bill Clinton, que evitou a guerra com uma estratégia menos ética, tornou-se o 42º presidente americano.

Mick viveu intensamente a contracultura do período, em viagens pelo país, moradias coletivas e experiências com drogas, que deixaram suas marcas tanto no corpo como na literatura. Agora pode parecer ingênuo, ele diz, mas havia o sentimento de que eles iriam de

fato mudar o mundo, e todos eram parte dessa grande revolução. Um dia olhou em volta, notou que todos haviam cortado os cabelos e, como é o destino de tantos, foi fazer um doutorado em literatura em NYU e dar aulas de roteiro de cinema. Em Syracuse eu era um cara estranho, ele conta, mas em Nova York eu sou completamente normal. Ao longo da vida Mick foi se dando conta de que havia um componente de “men’s lib” naquele movimento: a libertação do objetivo de ser bem sucedido no trabalho e da responsabilidade de sustentar uma família.

Em “My Teddy Bear”, em *Ruins and Fragments* (Stern & Coron, 2004), o narrador tenta explicar a sua mãe por que havia destruído seu ursinho de pelúcia, mas não consegue. E quem é que sabe por que se destroem as coisas mais tenras da vida? “What happened”, também narrativo, fala do coleguinha de escola abruptamente enviado para um colégio militar, para que encontrasse um rumo na vida e não acabasse a vida “living by [his] wits”, como os dois meninos descreviam sua tática de catar moedinhas pelo chão das lojas. Num país repleto de oportunidades, mas também de armadilhas, esse modo desajeitado, que combina a ambição de se virar sozinho e a profunda ingenuidade das moedinhas, é o compromisso que Mick encontra na literatura e na vida também. Herói por não ir à guerra, lutando para não vencer batalhas.

Verdadeiros novaiorquinos

Mick é um artista múltiplo. Já escreveu roteiros para o cinema, pinta regularmente e já fez murais, toca e compõe. Tem um profundo interesse por todas as formas de expressão, incluindo a música e a literatura brasileira. Vive num pequeno apartamento no Chelsea, em Manhattan, decorado com artesanato e obras de artes coletados pelo mundo por ele e sua esposa Naomi Rosenblau, israelense que adotou a cultura novaiorquina com enorme generosidade – a generosidade que todo novaiorquino da gema tem, de afirmar seu modo de ser ao mesmo tempo em que entrega o que tem de melhor à cidade. Mick dedica seus livros invariavelmente a ela, que conheceu numa lavanderia em Nova York: “My clothes were washing – her clothes were spinning.”

Mick é dono de um humor ao mesmo tempo muito judaico e muito pessoal, único, que faço o possível para descrever aqui. Tem uma mistura – agora sim, as oposições redentoras – que une o sarcasmo e a delicadeza, a brutalidade da vida e a ingenuidade mais desarmada, a vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. “I have many regrets in my life, but these are my regrets and I don’t regret them at all”, ele me garante, e eu acredito nele menos pelas palavras

do que pelo modo como torce o pescoço para o alto, como se olhasse por trás dos ombros de Deus.

Sou da prosa, então ao lado desse humor em pessoa gosto dos romances e contos do Mick. Um romance semi-autobiográfico seu, *Bad Passage*, “profoundly unpublished”, começa com um cientista premiado por ter sido pioneiro numa técnica de congelar corações rapidamente. O personagem é inspirado no pai, cujo nome chegou a ser cogitado para o Prêmio Nobel e cujas descobertas auxiliaram milhares de pessoas aprimorando o processo de diálise, mas que de acordo com relatos familiares era mesmo de congelar corações. O romance busca retratar a história daquela geração que deixou um impacto impressionante na cultura e sociedade americana, ainda que no Brasil não tenha chegado a tantas posições de comando.

Strawberry Fields Never, um curto romance autobiográfico de Mick, traz o entusiasmo de um grupo de jovens com um concerto que vai rolar no Canadá e que eles ficam sabendo através de cartazes pregados nos postes de Syracuse. Arrumam uma van, combinam com os amigos, enchem o tanque e... são parados na fronteira, por uma polícia hostil aos hippies que na época não eram tidos como folclóricos e inofensivos para a sociedade tradicional. Aí voltam silenciosos, cabisbaixos, até a próxima aventura. Esse é o Mick, sempre animado com o próximo projeto até a fronteira chegar.

A fronteira chegou na forma de um transplante de fígado e um mal de Parkinson, que lhe exigem um regime complexo de medicações e cuidados. Mick não se abala. Passou recentemente uma temporada numa moradia para idosos no Upper East Side, a poucos quarteirões do Central Park, onde chegou numa maca e saiu depois de um ano, caminhando e cantando, quase como um personagem de desenho animado, que se espatifa num quadro e se reanima no seguinte. Nesse período, continuou escrevendo e tocando e até organizou uma exposição no prédio, com seus livros e ilustrações. Foi um evento absolutamente padrão para Nova York, com todos animados, falantes e se misturando curiosos uns com os outros, funcionários, cuidadores, hóspedes idosos e os fascinantes amigos do casal de artistas, estes de preto como é *de rigueur* em Manhattan.

Histórias possíveis

Seu livro mais recente, *Likely Stories*, de 2021 (Stern, 2021), parece trazer uma certa redenção ao menino que jogava o ursinho de pelúcia na parede, ao herói desertor, ao filho do

cientista famoso e também ao jovem abandonado por sua amada Anesthesia, personagem do primeiro conto do volume, “Without Anesthesia”. Nessa mesma história, “gypsy cab”, que significa táxi clandestino, também se refere à etnia da protagonista. Esses jogos de palavras estão por todo o livro, mesmo que alguns possam escapar a quem não tem o inglês como língua materna. Eles fazem o texto flutuar entre o concreto e o simbólico, como numa experiência psicodélica. E apontam já de antemão para o fascinante deslizamento ao final do volume.

Os protagonistas de *Likely Stories* ocupam lugares sociais marginais, apresentando uma crítica vivida mais que declarada da sociedade. Eles trombam com foras-da-lei sem surpresas, como se o submundo estivesse normalizado – nem espetacular, nem fascinante, nem perigoso. Pequenos traficantes, trapaceiros e aventureiras são pessoas com quem os protagonistas se relacionam de modo casual, como se fizessem parte integrante de uma sociedade semi-lícita, onde todos, do mais comportado ou mais criminoso, passando pelos protagonistas, pertencessem e contassem. Uma ecologia urbana sem fronteiras.

Em “Get Out of Town”, um sujeito está sendo investigado pela polícia por crimes muito mais graves do que ele comete regularmente. “The investigators had assigned all kinds of motives to him. He didn’t have any.” Numa sociedade que exalta o sucesso, o impacto, o tal “make a difference”, é um refresco essa literatura onde está todo mundo se virando, “living by their wits”, gente que não é um fracasso, não são “losers”, pois nem estão na corrida propriamente dita. E mesmo assim, contam, são gente, têm história e lugar!

“The Autumn of the Professor” revisita a história do professor acusado de assédio sexual a uma estudante, um gênero que aliás ainda não chegou no Brasil, onde a universidade ainda é um claustro respeitado. A história clássica é vista do avesso, uma vez que o protagonista é apenas um espectador do assédio que desastrosamente se mete na história. Se na ficção é comum encontrar os cínicos amargurados e os indefesos ingênuos, os personagens de Mick são uma mistura disso, cínicos indefesos e amargurados ingênuos. O professor não é ruim, nem bom. Ele não salva a mocinha, nem a si próprio. Ele tromba com um sistema injusto sem que sua ação possa transformá-lo: Testemunha e Castigo, digamos.

“More than One Condition” é a hilariante história de um cleptomaníaco, filho de um policial com uma shoplifter – “it was arrest at first sight”. O encontro lembra um pouco nosso maravilhoso Leonardo, fruto de um beliscão e uma pisadela, personagem de Manuel Antônio de Almeida em *Memórias de um Sargento de Milícias* (Almeida, 2007). Mais que roubar, o personagem narrador de Mick Stern tira as coisas de lugar, colocando costelas de porco roubadas do supermercado na seção de poesia de uma livraria e um livro de *Oliver Twist* entre

o gim e o vermute de uma loja de bebidas... Quando sua atividade começa a lhe causar problemas, ele tem uma idéia: roubar a si próprio! Só que quando chama o policial para relatar o roubo, os problemas retornam em dose dupla. É aí que ele decide passar a roubar apenas palavras...

“Lost Shoe” é a história excruciante de um pai amoroso em tempos sombrios. Tem um quê de absurdo, mas um absurdo muito concreto, possível. É um testemunho de nossos esforços sinceros mas atrapalhados, mal dirigidos, para salvar o que mais amamos no mundo. Já em “Puppeteer” o ser amado é na verdade construído, e também cuidado, acalentado, numa entrega bizarra e injusta aos olhos das relações humanas reais, com suas expectativas e cobranças. Não é possível, como havíamos aprendido no poema “Teddy Bear”, amar de qualquer jeito. São dois contos que lembram nosso escritor mineiro Murilo Rubião (Rubião, 2010), pela angústia e pelo insólito, mas sem o fantástico – é a realidade mesmo que é assombrosa.

“The Returns” trata do tema social e racial americano. O protagonista não é um herói bravamente combatendo as injustiças nacionais, entretanto. Ele é ingenuamente envolvido nelas, aparecendo como uma vítima secundária. Empregado num jornal, ele consegue vários pedidos de assinatura num bairro negro da cidade, repleto de moradores contentes que finalmente o jornal seria entregue lá. E se surpreende quando o jornal rejeita os pedidos de assinatura: o protagonista nem mesmo enxergou as complexas barreiras de exclusão da sociedade americana. A ironia final, preencher os formulários de cadastro com nomes de grandes escritores ao invés de assinantes reais, não chega a trazer justiça, mas marca o descolamento do narrador de um sistema injusto e incompreensível.

Além disso, nesse conto, novamente a vida adulta aparece como uma reposição das sérias brincadeiras de infância, numa denúncia da competição profissional americana, retratada como gincana. O conto resgata o espírito competitivo ingênuo que já vimos no poema “What happened”, mas o narrador é aqui lançado num jogo adulto que tem como prêmios o emprego, um lugar social e o afeto das mulheres, sem que as regras lhe estejam muito claras.

Diga Banana

“Say Banana” se destaca em *Likely Stories*. Os personagens das histórias anteriores são levados pela trama, restando-lhes a ironia inteligente, mas passiva, para lidar com o turbilhão de acontecimentos incompreensíveis e amores enigmáticos. Em “Say Banana” um sujeito sem

rumo na vida parece ser o protagonista, e quando ele compra um macaco genioso, temos a impressão de que esse será apenas mais um opressor seu, além do patrão e da esposa. Lá pela metade do conto, entretanto, a história passa a se centrar no macaco: seu gosto pela bebida deixa de ser um problema para o protagonista e passa a ser marca da individualidade do bicho, que era levado aos bares para fazer shows por dinheiro. O protagonista inicial decide se livrar do macaco no zoológico, onde um diretor examina o bicho que, em troca, abre a boca do diretor para o examinar também. É aí que o conto tem uma inflexão: agora é o bicho que encarna a rebeldia e a vulnerabilidade que marca a obra de Mick, mas ele vai lidar com tudo isso de modo seguro, corajoso e inesperado.

A uma certa altura, o macaco se encontra enjaulado no laboratório de um cientista – quem diria! – que busca compreender “the possibility of communication between homo sapiens and other species.” O primeiro passo é ensinar os bichos a falar, o que o cientista faz de modo autoritário e até brutal, forçando o macaco a dizer “banana” para poder comer. Diz o narrador sobre o macaco: “He danced for his dinner and clowned for his supper, but he had never mimicked the ugly sounds that humans inflict on each other.” O macaco consente finalmente, e diz: “Banana.” Segue-se uma interação onde o macaco tenta resistir à humilhação do jogo aprisionado da linguagem, mas a coisa não pára aí. Uma senhora com um livro preto chega à noite e lê para ele, na jaula, histórias espetaculares, de um macaco grandão que criou a luz, e de um sujeito que bebeu e dormiu pelado em sua tenda. “In fact, he had always understood it [human language], but he had never known that he knew it until now”, nos conta o narrador.

Então, *voilà!* Seja massacrado pelo cientista, seja acalentado pela senhora crente, o macaco finalmente se apropria da linguagem que sempre conheceu, mas nunca reconheceu. “Let me go”, ele diz. “I command thee, open this cage now!” A linguagem é toda dele e ele está livre, tanto quanto um indivíduo pode ser. Daí o macaco cai no mundo, fazendo sermões aos homens: “The Lord has commanded me to lead you to the zoo and break open all the cages of all creatures who walk upon the earth, except the lions!” O macaco, que já era meio palhaço, fazendo traquinagens em bares, agora já comanda a ironia. O doutor sai em busca dele, se aproveitando da incerteza da multidão perante o macaco que, pela lógica, se falava, não podia ser macaco. O bicho dá no pé e se esconde sentando num banco, atrás de um jornal, como nós mesmos fazemos tantas vezes quando queremos levantar uma tenda protetora em nossa volta.

Se o cientista lembra explicitamente o pai de Mick, fazendo do conhecimento algo mecânico e opressivo, a senhora devota lembra mais sutilmente a mãe, que viaja na literatura às escuras, encantada e deferente, e que solta o filho no mundo, mesmo que seja para orar para

os brutos e fugir de poste em poste. Mas essas conexões familiares podem ficar em segundo plano. O que essa história traz é uma certa conciliação da crítica com a ingenuidade, do desgosto com a crença. O macaco vai continuar sendo um outsider por onde for, um bicho dotado de linguagem. Mas ele parece ter tomado seu rumo, ter se reconhecido, estar pronto para a luta. No momento em que abre a boca do diretor do zoológico, parece ter tomado o conhecimento para si, e daí para a linguagem foi um pulo. Ele pode até fugir, se perder no mundo. Mas descobriu algo de si e dos homens, não está mais atordoado. Não se espanta mais com os sons feios que os humanos infligem uns aos outros.

Deslizamentos

Tanto na narrativa como na linguagem, Mick opera deslizamentos que nos surpreendem, nos desconcertam, a nós que esperamos alguma ordem, alguma taxonomia da vida. Na sua ficção uma mulher pode ser equiparada a um medicamento cirúrgico, marionetes podem ser adoradas como amantes e o protagonismo de uma história pode passar de um homem sem rumo para um macaco eloqüente. São muitos exemplos de coisas, personagens, gestos, termos, lugares e narrativas que se transmutam sem cortes, sem mudar a marcha: os criminosos inseridos pacificamente na vida urbana, o mundo adulto encenando jogos de infância, a cidade que se torna uma selva num átimo. O olhar flutuante do jovem enfrentando o alistamento captura tudo isso: é um olhar louco, que o faz ser expulso do escritório de recrutamento, mas é um olhar que salva, evitando que ele fosse enviado para uma orgia de destruição.

Pensar em deslizamentos pode evocar a *différance* de Jacques Derrida (Derrida, 1973) e sua proposta de *déconstruction*. Será que Mick Stern expõe o jogo de oposições que ancoram nossa percepção do mundo, ao trazer à tona aspectos marginais, negligenciados? Sim, e não. Sim, porque os personagens de Mick acabam por revelar ao leitor o patético da busca pelo sucesso e as hierarquias sociais, como buscamos mostrar, além dos próprios jogos da linguagem. Não, pois o deslizamento dos personagens e narrativas é orgânico demais para se constituir em um projeto interpretativo. Eles trombam nas diferenças que não percebem, mais que desconstroem as que combatem. Esse deslizar e trombar — imbricado na narrativa —, entre o trágico e o patético, é a contribuição original de Mick Stern, como se seus personagens fossem heróis à própria revelia.

As ilustrações de *Likely Stories* também trazem esses deslocamentos. Em uma delas, um toureiro aguarda solitário, no centro da arena, com sua capa. Na multidão da platéia, o touro se esconde, assistindo ao espetáculo. A literatura de Mick ela mesma parece deslizar, buscando outras formas de expressão, o desenho, a música, o cinema – é uma literatura psicodélica, sem fronteiras, e é esse mundo que ele habita, como gente e como autor. Agora, a sociedade tem suas normas, seus muros que cortam a fluidez entre realidade e ficção, amor e posse, cidadania e liberdade. Os personagens de Mick são invariavelmente derrubados por elas, com a exceção, acredito, do personagem de “Say Banana”, que compreende as forças contra as quais luta como Mick compreendeu, um dia, que aquela língua que seus pais falavam não era a língua de cá. Era uma língua de quem fugiu de lá. De quem, lá, não teria tido chance alguma e teve que muito cedo compreender a dimensão da catástrofe – um muro prestes a desabar – e partir para outra, quantas vezes fosse necessário.

Mick então traz em sua literatura um diálogo muito pessoal, único, entre essas duas gerações: a geração do pós-guerra, otimista, da contracultura, que se conferiu a missão de destruir barreiras, e a anterior, da guerra, que talvez sonhasse em reconstruir seu lugar de origem – lugar em frente à embaixada da França em Bucareste, por exemplo, onde seu avô tinha residência. Lugar, entenda-se, não de elegância e prestígio, que não lhe interessam, mas de cultura e abertura. O modo como constrói essa ponte é através desses deslizamentos, dessa linguagem que escorrega de um ponto a outro, desse ignorar as barreiras convencionais até que um choque se dê – o pai que perde o filho na estação apinhada, a marionete que é destruída. Ou até que ele finalmente consiga completar esse deslizamento, se tornar outra coisa – o macaco falante, o paciente artista –, se apropriar com toda a garra da expressão e se esconder atrás de um jornal, como gente.

Bibliografia

ALMEIDA, M. A. D. *Memórias de um Sargento de Milícias*. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

DERRIDA, J. *Speech and Phenomena, and Other Essays on Husserl's Theory of Signs*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1973.

RUBIÃO, M. *Murilo Rubião – Obra Completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

STERN, M.; CORON, B. *Ruins and Fragments*. New York: by Béatrice Coron, 2004.

STERN, M. *Likely Stories*. New York: Maria Flophaus, 2021.

Likely Stories pode ser encontrado na plataforma Lulu ou na Amazon, assim como os livros de poemas *What's Left of Me* e *Of All Places* e o livro de minicontos *Fifty Thousand*. Também se pode ouvir as histórias de *Likely Stories* interpretadas por Paul Kram na plataforma Audible.